REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 385

I DE SETEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

MONUMENTO A JOSÉ ESTEVAM, EM AVEIRO — INAUGURADO EM 12 DE AGOSTO DE 1889

Segundo uma photographia

CHRONICA OCCIDENTAL

N'estes mezes de verão, a estação morta das capitaes, os casos mais insignificantes que se dão, assumem logo as proporções de grandes acontecimentos e são aproveitados por toda a gente, publico e jornaes, soffregamente, avaramente, até deitarem para ali todo o seu succo.

Aconteceu isto precisamente com o caso das pateadas no Colyseu. N'outros mezes, em pleno inverno, com S. Carlos e S. Bento abertos, com os tenores a desafinarem á noite, e os deputados a desafinarem á tarde, com a politica accesa e a epoca lyrica no seu calor, as pateadas do Colyseu teriam passado desapercebidas, teriam quando muito dado umas locaes de seis linhas nos jornaes menos ricos de redacção e ninguem mais fallaria n'ellas: mas em pleno verão, com as cortes e theatros fechados, a população a passeiar pelo estrangeiro, os ministros em viligiatura e os cantores lá por fóra ainda, essas pateadas vieram do ceu aos trambulhões; o publico e os jornalistas lançaram-se avidamente sobre ellas, durante dias e dias não se fallou n'outra coisa em Lisboa, durante numeros e numeros os periodicos publicaram longos artigos, longas cartas dos interessados e longuissimos commentarios a essas cartas, e o Real Colyseu da rua nova da Palma deve por força ter ficado muito orgulhoso da popularidade e da importancia magna, que tem na capital do reino lusitano.

Nós tinhamos muita vontade de deixar o Colyseu n'essa doce illusão, mas não pode ser, não temos remedio senão declarar-lhe que foi unicamente a falta de assumpto que tão grande importancia deu ás suas pateadas, do mesmo modo que é ainda a mesma falta de assumpto que nos obriga a seguir o exemplo dos nossos collegas e dos nossos patricios e a darmos tambem a nossa sentença n'essa tão debatida questão.

Essa questão resume-se n'isto: no Colyseu funcciona ha dois mezes uma companhia de zarzuela de que nas primeiras recitas se julgou maravilhas, mas que no fim de contas nunca mais, passados os primeiros espectaculos, justificou esse julgamento lisongeiro, e a prova é que durante esses dois mezes, de todo o reportorio da companhia, apenas duas peças agradaram — precisamente as das primeiras noites, o *Certamen Nacional* e o *Plato del dia*.

Todas as outras peças que a companhia tem dado, tem ido todas por agua abaixo, até algumas que por outras companhias tem tido em Lisboa collossaes *successos* como por exemplo a *Cadiz*, *Processo do Cancan*, o *Barberillo de Lavapiés*, a *Gran via*, a *Mascotte*.

Ora é claro que, o insuccesso d'estas zarzuelas tão queridas do nosso publico, não prova muito a favor d'uma companhia de zarzuela comica.

Essas peças agradaram sempre muito em Lisboa e agora cahiram. Porque? E' evidente que não cahiram por causa das proprias peças que tanto tem agradado das outras vezes, logo é claro como agua que cahiram por causa do desempenho.

E francamente uma companhia de zarzuela comica que faz cahir pelo desempenho o *Barberillo*, o *Processo do Cancan*, que não dá successo á *Cadiz* e á *Gran via*, não se pode dizer que seja uma companhia muito notavel. Entretanto o publico não a pateava; não frequentava muito os seus espectaculos, é verdade, mas em compensação applaudia muito a tiple Montes que é nova, bonita e canta muito bem canções *flamencas*.

Ultimamente porém começou a haver pateada no Colyseo, e pateada insistente. E como a companhia era a mesma que até ali uns tinham applaudido outros tinham supportado em silencio, começou a perguntar-se porque seria aquella pateada. Um pateante respondeu com logica a essa pergunta.

— Pateio porque a companhia é má.

— Pois sim, mas ella tem sido má sempre e você se não a tem pateado, porque a pateia então hoje?

— Porque vae sendo má ha muito tempo de mais.

Entretanto esta resposta que era muito acceitavel não satisfez os que perguntavam; e dos *cancans* dos bastidores veio então outra resposta, que todos acceitaram e que levantou grandes indignações e protestos violentos.

Essa resposta era que a pateada representava um acinte da empreza, que visto não ter conseguido do emprezario da companhia a recisão do contracto, o mandava patear para o pôr com dono.

E então com uma indignação que era muito justa se o facto fosse verdadeiro, aquelle publico tambem por accinte começou a fazer grandes ovações aos artistas.

A imprensa tomou logo conta do caso e commentou-o largamente, uns jornaes contra a empreza, outros contra a companhia.

E a questão fez uma bulha dos demonios; e os jornaes appellaram para a policia e alguns até chegaram a pedir que se fechasse para sempre o Colyseu como se com aquellas pateadas perigassem as instituições.

A policia então interveio: n'uma noite houve no Colyseu uma enchente de habeis Antunes, os pateantes foram presos, um mesmo, segundo lemos n'um jornal chegou a ser posto *incommunicavel (!)* o emprezario do Colyseu veio á imprensa declarar que era alheio á pateada e contar as razões de queixa que tinha do emprezario hespanhol, o emprezario hespanhol veio á imprensa contar as rasões de queixa que tinha do emprezario portuguez, e appareceram mais cartas d'outras pessoas que não sabemos quem são, contando tambem as suas queixas, um farto volume de cartas, que parecia que o espirito epistolar de Madame de Sevigné tinha assentado a sua residencia na rua nova da Palma. Por fim, como não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe, a tempestade serenou, a companhia do Colyseu lá continua socegadamente os seus espectaculos sem pateadas ruidosas nem ruidosas ovações.

Entretanto no meio de todo este borborinho que se levantou em torno da pateada do Colyseu, ha uma coisa que não se discutiu e que me parece que era a primeira coisa que se devia discutir, era se a pateada era justa ou injusta, pois na minha opinião é isto o que a critica tem a averiguar, primeiro que tudo, em frente das manifestações do publico no theatro, porque no fim de contas a critica tem não só o direito de emittir a sua opinião sobre o valor do espectaculo, como tambem o de apreciar o acolhimento que a esse espectaculo faz o publico.

Esse direito porém não vae até entrar na consciencia dos espectadores, que se manifestam, a indagar porque elles applaudem ou porque elles pateiam: esse direito não vae até ao motivo da sua apreciação, pára na justiça d'ella.

Os applausos ou a pateada são justos ou injustos? Eis o que a critica tem que dizer e foi exactamente o que muitos dos longos artigos que sobre o assumpto lemos não diziam.

A critica tem o direito de apreciar as manifestações do publico; os artistas tem o dever de se curvar ante ellas sejam quaes forem, justas ou injustas, — são os ossos do officio.

Emquanto á prisão dos pateantes para nós é uma questão a discutir ainda. Não percebemos que haja o direito de applaudir e não haja o de patear, e somos tanto mais insuspeitos n'este assumpto quanto nunca pateamos um theatro, e já sabemos por triste experiencia propria o que é receber uma pateada. Mas desde o momento em que o espectador que gosta d'um espectaculo tem o direito de applaudir, não se pode negar ao que não gosta o direito de patear; o que é necessario porem é que no exercicio d'esses direitos nem um nem outro offendam a lei do justo, isto é o direito de todos os outros espectadores a ouvirem esse espectaculo sem serem incommodados pelos seus visinhos. Mas n'esse caso mesmo parece-nos demasiada a pena de prisão e mesmo inverosimil a de prisão incommunicavel, e que a pena de expulsão da sala do espectaculo onde está incommodando os outros espectadores, será a unica logica e justamente applicavel.

Emfim o episodio das pateadas do Colyseo acabou, e podia ter o titulo d'uma das peças de Sakspeare — *Muita bulha para nada*.

O outro caso da semana e que tambem fez muita sensação e tem sido muito discutido foi o da prisão do sr. Ramalho Ortigão, logo no dia em que chegou de Paris.

O eminente escriptor contou n'uma carta publicada nas *Nevidades* a sua singular aventura.

Essa singular aventura deriva unicamente da maneira desastrada porque é feito o serviço da extincção dos cães vadios pela camara municipal.

Todos os jornaes de Lisboa já muitas vezes e ha muito tempo se tem insurgido contra o modo porque esse serviço é desempenhado, modo que já tem originado muitos conflictos e que naturalmente não será modificado sem originar algum conflicto gravissimo, que é o systema cá da terra: — só se porem trancas ás portas depois das casas roubadas.

Uma carroça de grades atravessa ás horas de maior concorrencia as ruas da cidade dando aos traseuntes o triste espectaculo d'um rancho de cães a caminharem para o supplicio.

Essa carroça é acompanhada por um policia e a apanha dos animaes é feita por uns homens em mangas de camisa enxovalhadas, mal creados, que sem criterio algum se atiram a torto e a direito a todos os cães que encontram, chegando mesmo, como muitas vezes tem narrado os jornaes, a ir buscal-os ás portas das casas particulares e a levar aquelles que vão com seus donos e que n'esse momento por um acaso vulgar se tem desprendido das correntes que os prendem.

O serviço como é feito parece que mira muito menos a extinguir os cães vadios do que a caçar multas aos donos dos cães finos, porque é notavel a persistencia especialissima com que os apanhadores municipaes se atiram aos cães de estimação de preferencia aos cães gosos.

Ora isto não é serio e hade fatalmente dar origem a muitos desaguisados.

É perfeitamente indigno d'um municipio d'uma cidade que os seus empregados, todos sem excepção, não tragam um distinctivo, uma libré, uma farda, que indique a toda a gente que esses homens são agentes do municipio.

É natural que qualquer pessoa que tenha um cão que estima e que de repente o veja agarrado por um maltrapilho qualquer, se atire immediatamente a esse maltrapilho fazendo-lhe pagar com uma bengalada a sua audacia, ignorando completamente do que se trata, imaginando muito logicamente que esse sujeito seja um gatuno de cães.

Depois ficará sabendo que esse homem que elle tomou como um gatuno e como tal tratou é um agente do municipio, mas é necessario, é indispensavel que o saiba antes.

É necessario tambem que a questão das multas e a fórma do seu pagamento seja regulada de outro modo e que o dono d'um cão, que, por um descuido qualquer fugiu de casa ou se tirou da colleira, se por isso tem que incorrer no pagamento d'uma multa a possa pagar de prompto, ao proprio agente que lhe aprehendeu o cão, sem ter ainda em cima que perder o seu tempo, correr secca e meca transtornar a sua vida, para se envolver na engrenagem complicada dos nossos processos burocraticos, afim de pagar a multa e rehaver o seu cão.

Imagine-se o caso que se deu com o sr. Ramalho Ortigão e em que elle foi preso se tivesse dado sem elle estar presente.

O sr. Ramalho acompanhava um francez seu amigo e uma senhora da familia d'esse francez, que de passagem para a America a bordo do *Orenoque* em que o illustre escriptor viera de Paris — saltaram a terra a vêr Lisboa emquanto o vapor se demorava no Tejo, duas horas apenas.

Uma das senhoras trazia um cãosinho d'estimação, que no aterro fugiu da corrente sem ella dar por isso, senão quando o cão ganiu agarrado por um homem em mangas de camisa.

O francez ía naturalmente a avançar para o homem, que estava longe de suppor que fosse, n'aquelle trajo, um representante da auctoridade.

Ramalho interveio, tentou explicar o caso, fazer perceber ao homem da camara que aquelle cavalheiro e aquellas senhoras eram estrangeiros, que tinham desembarcado momentos antes e voltavam a embarcar momentos depois, para seguir viagem. Tudo isso foi inutil, o homem respondeu-lhe torto, os policias intervieram e em vez de serenamente resolverem a questão deram a voz de preso ao sr. Ramalho que teve que seguir toda a odysséa da burocracia municipal para poder restituir o cão aos seus donos.

Mas supponha-se que esses estrangeiros tinham saltado sósinhos em Lisboa a ver a terra. O caso dava-se do mesmo feitio. O francez sem poder advinhar que o homem em mangas de camisa era um agente municipal, aggredia-o: ía preso; o vapor seguia viagem e lá iam as suas malas, e lá se transtornavam os seus negocios, lá vinha fatalmente uma reclamação justissima do governo francez e tudo isto porque? Pelo desleixo e pela maneira inconcebivel como o serviço da apanha dos cães é feito entre nós.

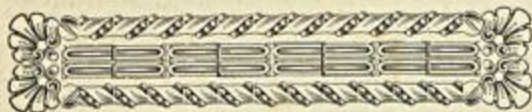
Em todos os paizes do mundo se pensa muito nos estrangeiros; para Portugal o estrangeiro não existe.

A camara municipal e a policia quer que um estrangeiro que põe pé em terra portugueza fique logo sabendo as nossas posturas municipaes, que advinhe que um homem em mangas de camisa que apanha cães pelas ruas, é um empregado municipal, e o que é positivo, evidente é que se o caso se tivesse dado sem estar presente o sr. Ramalho Ortigão e que mesmo que o francez não aggredisse o apanha cães, sómente para arrancar o cão das mãos do agente municipal, prestrando-se a

pagar a multa, pela fórma como esse processo está organisado, teria fatalmente que perder o paquete e ficar em Lisboa com grave prejuiso de todos os seus interesses.

É isto que é positivamente estupido e selvagem, é contra isto que toda a imprensa se revoltou agora, se tem revoltado já muitas vezes, e que muitas vezes se continuará a revoltar, porque naturalmente apesar de todos os protestos, apesar de todos os inconvenientes e disparates d'esse processo da apanha dos cães vadios, inconvenientes e disparates que se estão mettendo pelos olhos dentro de toda a gente, as coisas ficam na mesma como até agora tem ficado.

Quartel general em Abrantes, tudo como dantes.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A JOSÉ ESTEVAM EM AVEIRO

Reproduzimos hoje na nossa primeira pagina o monumento que a cidade d'Aveiro acaba de erguer a um dos seus filhos mais gloriosos, que a honrou tanto a ella como á patria.

Já n'este mesmo volume a pag. 2 e 3 tivemos occasião de nos referirmos a este monumento por occasião de publicarmos a magnifica estatua de José Estevam, modelada por Simões d'Almeida, por isso pouco ou nada temos a accrescentar sobre o assumpto.

A idéa d'este monumento foi iniciada, como dissemos então, por um grupo de filhos do povo de Aveiro, em 1880, e com tanta fortuna que, apesar de todas as difficuldades companheiras inseparaveis de todos os emprehendimentos, essa idéa realisou-se completamente ao fim de nove annos, com o mais brilhante resultado.

O monumento ergue-se na praça municipal em frente dos Paços do Concelho e do Lyceu d'Aveiro. O seu aspecto é elegante como se póde vêr da nossa gravura, tendo dado o risco do pedestal em que assenta a estatua, o sr. João da Maia Romão, lente de desenho no Lyceu d'Aveiro e presidente da commissão do monumento.

Das festas que se realisaram por occasião da inauguração d'este monumento, festas que tiveram um brilho excepcional, dá desenvolvida noticia a chronica do nosso numero antecedente, o que nos dispensa vantajosamente de aqui nos referirmos a ellas.

O SEMINARIO DE COIMBRA

O bello edificio em que se acha estabelecido o Seminario Episcopal de Coimbra, foi fundado pelo bispo d'esta diocese D. Miguel d'Annunciação, que lançou a primeira pedra do edificio a 22 de junho de 1748, levando a obra dezasete annos a fazer, pois se concluio a 28 de outubro de 1765.

Dispendeu o illustre prelado avultadas sommas n'esta edificação, para a qual tambem concorreram varias esmolas de muitos devotos da diocese, assim como larga cooperação de D. Nicolau Gilberto, padre napolitano, que muito se interessou por esta obra, influindo para que de Italia viessem collaborar na construcção do edificio os architectos italianos João Francisco Jamosi e João Jacomo Azzolini.

Este mesmo padre Gilberto foi o primeiro reitor do seminario de Coimbra, sendo depois, por ordem de El-Rei D. José I, transferido para reitor do Collegio dos Nobres em Lisboa.

O edificio é, como se vê na gravura, de grandes proporções e de boa architectura. Está edificado na parte alta da cidade sobre um terreno em declive, de modo que as suas quatro faces apresentam differente altura, tendo na face principal, dois pavimentos alem do terreo, tres nas lateraes e quatro na posterior.

Interiormente tem magnificas accommodações e ha para admirar a escada em espiral que communica d'uns andares para os outros, pela perfeição com que está construida, sem columna central e podendo-se do ultimo degrau vêr quem está no primeiro.

A egreja em forma polygonal é de boa architectura em que se admiram magnificos marmores e pinturas a fresco na sua cupula, devidas ao pincel de Paschoal Parente.

São muitos os primores d'arte que se encontram n'esta egreja, tanto em imagens de excellente esculptura, como em pinturas e paramentos riquissimos com que a dotou o seu fundador.

O Seminario de Coimbra é um dos primeiros estabelecimentos de educação ecclesiastica de Portugal, pelo bom systema de ensino exercido por professores de incontestavel competencia.

A falta de espaço não nos permitte o alongarmo-nos na discripção minuciosa do edificio e das suas preciosidades, aliaz escrupulosamente descriptas pelo sr. Simões de Castro no seu *Guia do viajante em Coimbra*, onde respigamos alguns dados para esta noticia.

O EXTINCTO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO EM LEIRIA

Proximo das margens do Liz ergue-se pittorescamente o convento de Santo Agostinho, extincto em 1833 pelo decreto que extinguiu as ordens religiosas em Portugal.

Este convento era o melhor de Leiria, fundado pelo bispo D. Frei Gaspar do Cazal, terceiro bispo d'esta diocese, confessor de D. João III e que fez importantes edificações religiosas em Leiria incluindo a Sé.

D. Frei Gaspar do Cazal falleceu em Coimbra em agosto de 1585, mas deixou determinado que queria a sua sepultura no Convento de Santo Agostinho, para onde foram trasladados os seus restos que ainda hoje ali se acham sepultados.

O convento de Santo Agostinho é de ha muitos annos o quartel do regimento de caçadores n.º 6.

A sua egreja conserva ainda o culto a expensas de uma irmandade do Senhor dos Passos.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

O COURAÇADO FRANCEZ «AMIRAL BAUDIN»

Apresentando hoje aos nossos leitores o couraçado «Amiral Baudin» não temos em vista senão começar uma pequena resenha dos navios de guerra dos diversos paizes, suas lotações, systema de construcção, etc.

Damos pois este primeiro á estampa por ser um navio de construcção recente, e que reune em si os ultimos aperfeiçoamentos até agora conhecidos.

O «Amiral Baudin» navio de 11:400 toneladas de lotação, foi construido em Brest e armado no actual anno. E' guarnecido com canhões de 75 toneladas, systema Bange, *coust* fabricados na antiga casa Cail, de que o governo francez tem o exclusivo. A sua couraça da espessura de 0,m55 do systema Creusot é a mais forte até hoje conhecida.

Egual ao «Formidable» construido em Lorient, o seu custo foi de 3:500 contos.

D'estes navios pode dizer-se serem talvez os primeiros no seu genero, porquanto possuindo a Inglaterra navios como o «Inflexible» da lotação de 11.880 toneladas, e a Italia o «Lepanto» de 14.700 toneladas, e o «Italia» de 13.700 toneladas, ainda assim a superioridade do «Amiral Baudin» está reconhecida em virtude do systema de couraça que possue que é mais forte do que a dos navios que deixamos apontados, o que se tem provado em concursos para esse fim abertos em Italia, a que tem concorrido tres casas inglezas, e a referida casa franceza Creusot, tendo sido sempre esta preferida.

Alem d'isso o «Amiral Baudin» apresenta acima da linha de fluctuação 5,m68 de couraça, o que por exemplo não acontece ao «Trafalgar» da marinha ingleza, que só mostra 3,m40, sendo a deslocação do «Amiral Baudin» por essa razão muito pouco maior.

Em uma nota publicada pelo almirantado inglez com respeito ás manobras de 1886, vê-se que as couraças muito baixas na prôa, defeito que então foi notado, collocam o navio em sensiveis condições de inferioridade.

Está actualmente construindo a França mais quatro couraçados do mesmo typo e são:

Neptuno, Hoche, Magenta e Marceau de 10:000 toneladas cada um e de que daremos conta aos nossos leitores acompanhando de tabellas illucidativas a tal respeito.

Para se fazer ideia do que a marinha franceza está sendo, basta saber que acaba ali de ser aprovado unanimemente um credito de dez mil e tantos contos para ampliar a sua marinha, sendo os navios todos ali construidos.

Ha bem pouco tempo que a Hespanha ali fez acquisição do couraçado «Pelayo» por dois mil e antos contos sem artilharia.

Foge-nos a vontade de dizer que temos um credito de 1:700 contos para mandar fazer navios em Inglaterra,

Se não fosse a escassez dos nossos conhecimentos, perguntariamos que sucata nos mandará a Inglaterra, e dizemos sucata porque a isso estamos acostumados da parte da nossa fiel alliada.

Continúa.

Grumete.

OS PORTUGUEZES NA REGIÃO DO NHASSA

POR

J. BATALHA REIS

DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, ETC.

(Concluido do n.º 384)

V Resta-me agora falar das viagens e explorações dos portuguezes nos limites do que se póde chamar *Terras do Nhassa*, as regiões a oeste do lago.

Senna e Tete, cidades estabelecidas no Valle do Zambeze no meado do seculo dezeseis, e Zumbo no seculo dezoito, quando todas eram consideradas simplesmente villas (1763-1764) tornaram-se d'ahi em deante os centros e pontos de partida para a exploração e commercio dos paizes ao norte e ao sul do grande rio.

E' menos exacto dizer-se, como dizem constantemente os escriptores Ingleses, que o commercio alli consistia exclusivamente em escravos.

O que actualmente nos preoccupa é o commercio ao norte do Zambeze, e era precisamente do norte que se trazia o marfim e a maior parte do ouro. W. Montagu Kerr diz: «O marfim e o ouro são os thesouros cubiçados n'esta região (Tete) e desde *a conquista constituem o principal artigo de commercio.*» Conforme algumas estatisticas de 1806, a exportação annual, que já se achava em decadencia, de Senna e Tete, onde se reuniam estes productos, chegava a 10.187 oitavas (1273 lbs.) de ouro e 4375 dentes de elephante, além de cobre, cera, etc. Em 1835 ainda se podiam accumular 6000 oitavas de ouro e 900 arrobas de marfim. Agora mesmo a maior parte do marfim que entra em Quelimane vem de Tete. Em troca d'estes generos os portuguezes introduziram mercadorias da Asia e da Europa em todo o paiz de Maravi.

Muitas d'estas terras no seculo dezeseis, foram concedidas pelos chefes indigenas ao rei de Portugal. A fundação de Zumbo deve a sua origem a este mesmo facto, que foi commemorado com cerimonial de Vassallagem, o qual ainda se repetia até o meado do seculo dezoito.

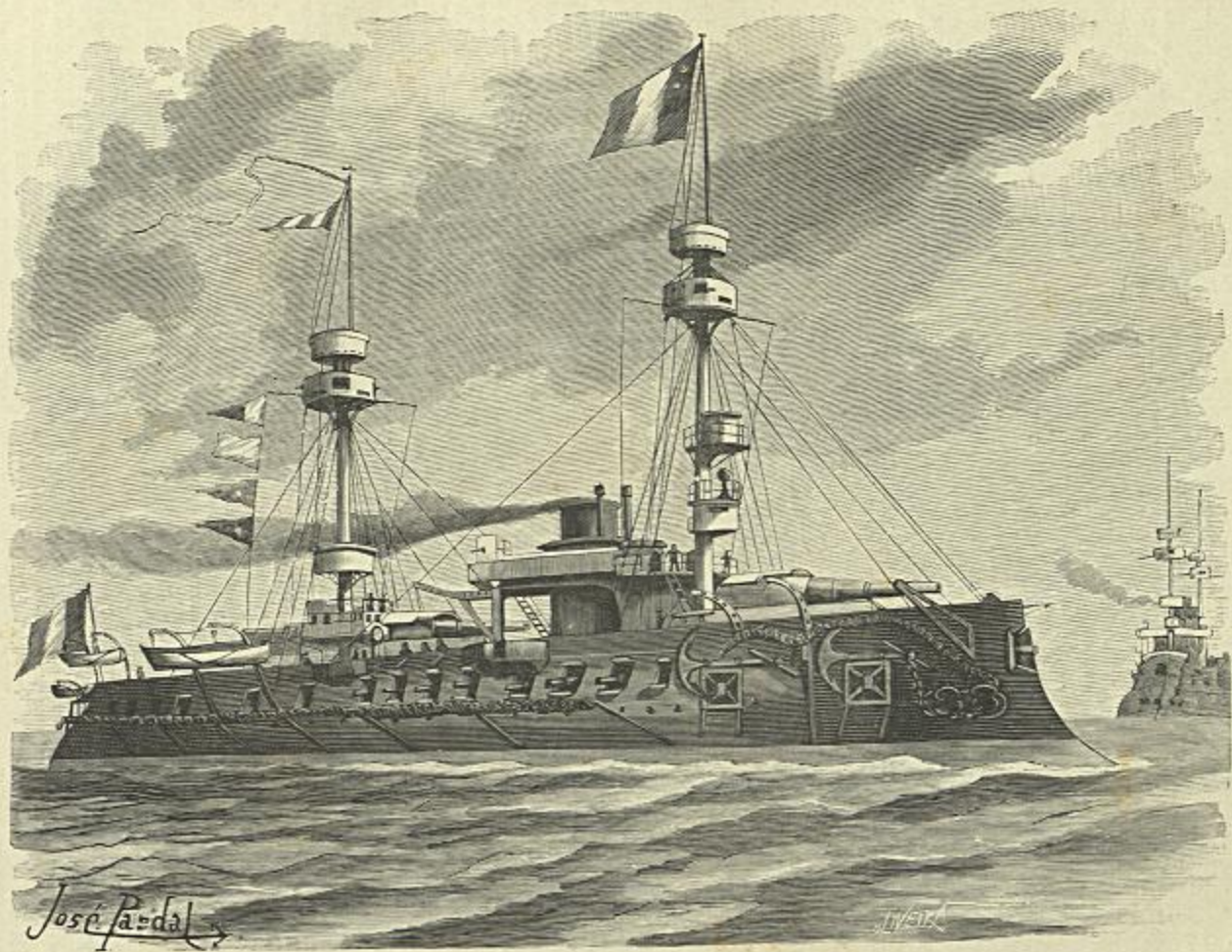
Francisco de Sousa escreve: «Todas as outras terras que se extendem até os limites de Maravi, pertencem aos reis e senhores que, no tempo do governador Francisco Barreto offereciam vassallagem aos portuguezes.

O mesmo auctor fala de ouro conhecido e explorado pelos portuguezes a 80 leguas ao norte de Tete.

Quem relancear os olhos pelo mappa da Africa oriental, traçado conforme as descripções antigas dos portuguezes, verá muitos sitios denominados *bares*, parallelos ao Lago Nhassa e extendendo-se para o decimo quarto grau de latitude sul. Estes *bares*, como todos sabem, eram os logares onde se explorava o ouro. Muitos d'elles foram descobertos ou explorados pelos portuguezes no paiz de Maravi que, extendendo-se até o lago Nhassa, lhe deu ha muito o seu nome.

Ahi os portuguezes exerciam auctoridade, tinham capitães-móres e missionarios dominicanos. E durante muitos annos n'estes bares, que os escriptores portuguezes de ha cincoenta annos ainda chamavam aldeias volantes, existiam capellas onde os frades diziam missa.

Mochinga, Mixonga, Java, Cansissa, Chinsundo, Missale e Mano são os nomes de alguns d'estes bares, cujos exploradores costumavam trabalhar nos arredores a uma distancia de 200 milhas, até o norte de Tete, proximo do 12 parallelo e a oeste do lago Nhassa.

De 1825 a 1827 estabeleceu-se uma colonia portugueza em Masambo, um grau a oeste de Nhassa, nas terras compradas dos chefes indigenas, e d'ahi os portuguezes negociavam com os Muizas, até o norte do paiz de Maravi e quasi até o limite septentrional do Lago Nhassa.

O NOVO COURAÇADO FRANCEZ «AMIRAL BAUDIN»

(Desenho de J. Pardal)

Ainda se encontra esta colonia nos mappas portuguezes sob a designação de «Terra Portuguesa.» Mas n'estes mesmos mappas, do outro lado das cordilheiras ao sudoeste do lago Nhassa, onde se extende o que nos mappas inglezes se denomina «The Kirk Range,» leem-se as seguintes palavras: «Terras de Chissaca, subdito portuguès.»

Estes territorios, habitados pelos Muzimbos, extendiam-se para o norte até o rio Ruareze, rio Bua e margens do lago Nhassa perto de Kota-Kota e para o oeste até as montanhas do Valle do Alto Chire.

No decimo oitavo seculo, o portuguès Pedro Caetano Pereira, atravessando estas terras, fez que o reconhecessem como chefe da tribu dos Muzimbos e do reino de Makanga. P. Caetano Pereira era o representante do governo portuguès e os seus descendentes continuaram a sel-o ses antes de Serpa Pinto e Cardoso (1885) tinham ainda explorado o interior (da Africa oriental). Nenhuns viajantes portuguezes augmentaram com os seus conhecimentos os dos exploradores britannicos (sobre as regiões dos lagos da Africa. Nenhuma outra nação (a não ser a nação ingleza) tem trabalhado no mesmo campo (Terras do Nhassa).

VI Demonstrada a minha these, quanto a todas essas partes em que *Nyassaland* póde ser dividido, é evidente que sempre se póde redarguir, que no proprio sitio onde talvez se acham actualmente as missões de Blantire e Bandaué, ou onde anteriormente existia Livingstonian ou em muitas milhas ao redor, os portuguezes não estavam estabelecidos antes das missões escocesas; e o publico em geral, que não conhece a Africa e que fórma o seu juizo pelo modo que se toma posse e occupação

É pois fóra de duvida que os inglezes visitaram o que se póde chamar *Nyassaland* e alli se estabeleceram; mas o *Governo Britannico* nunca alli se fez representar senão ostensiva e manifestamente pelos seus agentes consulares, que uma nação manda sempre para os territorios que não lhe pertencem.

O governo portuguès, pelo contrario, tem, durante quatro seculos, dominado, restabelecido a ordem e praticado actos de soberania nas terras de Nhassa.

Póde ser que o commercio entabolado pelos portuguezes tenha afrouxado em certos districtos, — que se tenha transformado em outros — póde ser que tenha passado em grande escala para as mãos dos extrangeiros (dos inglezes, se quizerem) mas tudo isto representa a continuação do que tinha sido, ha seculos, estabelecido e mantido á

O SEMINARIO DE COIMBRA

(Segundo photographia de J. M. dos Santos)

no meio das vicissitudes e das rebelliões naturaes e inevitaveis entre o gentio das regiões de Africa. Em 1887, a pedido de muitos dos chefes d'estes territorios, o governo portuguès estabeleceu um commando militar em Makanga.

Descripções datadas de 1859, indicam muitos logares a oeste de Nhassa e a umas 180 milhas de Tete, onde o ouro era conhecido e explorado.

Todo este territorio, que se extende do lago Nhassa para o oeste, foi, entre outros, atravessado pelas expedições portuguezas de Manuel Caetano Pereira em 1796, do dr. Lacerda em 1798, do coronel Honorato da Costa de 1801 a 1811, de Monteiro e Gamitto em 1831-32 e pelas expedições de Silva Porto, que em 1854, partindo de Angola, atravessaram o Chire em Tete, passaram ao norte do lago Chirua, indo dar ao norte de Rovuma.

Do que se tem dicto, ver-se-ha com que exactidão um distincto geographo inglès disse ha pouco: (maio, 1888) — «Nenhuns viajantes portuguezes dos districtos europeus, deixar-se-ha naturalmente influir muito por este argumento.

Existe porem entre os exploradores portuguezes e britannicos e os estabelecimentos nas terras de Nhassa uma differença essencial que ainda se não notou.

Em algumas das estações portuguezas que existem, desde o decimo sexto seculo, nos bares do paiz de Maravi, havia estabelecimentos militares. A colonia de Marambo foi fundada em 1825 em nome do Rei de Portugal. Foi a Portugal que os povos a leste do Lago Nhassa, desde as margens do lago até o Valle do Lujende e do Medo, offereceram vassallagem. Os portuguezes que se fizeram chefes dos Muzimbos, conseguiram-n'o por patentes militares concedidas pelo governo de Portugal. As expedições capitaneadas pelo Dr. Lacerda, por Pinto, Monteiro e Gamitto foram enviadas pelo governo portuguès, assim como a que foi mandada pelo coronel Costa, e as duas debaixo das ordens de Augusto e Antonio Cardoso.

custa de muitos esforços, muitas vidas e muito dinheiro da parte de Portugal como nação e estado soberano. Talvez que uma grande parte do capital e tambem do commercio tenham mudado, por serem mutaveis e transitorios; mas a auctoridade estavel e permanente que encerra em si a soberania e a influencia politica, essa não mudou: tem sempre sido esta exercida n'essa parte da Africa (sob as condições, já se vê, de posse e de occupação, unico meio de mantel-a) por Portugal e por nenhuma outra potencia da Europa.

Os actos da auctoridade portugueza eram, em muitas partes do territorio de que tractâmos, tão evidentes e effectivos quanto é possivel sel-o n'uma região como é a da Africa. Isto não quer dizer, nem nunca se deveria esperar, que Portugal mantivesse em toda a parte exercitos e policia; mas dá a entender que os governos do Rei de Portugal e unicamente os de Portugal, teem alli mandado expedições para castigar os indigenas e proteger o commercio, como, por exemplo, as de 1804 e 1807, para o paiz de Maravi e a ultima expedi-

ção para o Massingiri do Chire ou territorios de Makanga.

Não tenho dicto tudo quanto eu podia dizer sobre o assumpto. Mas fica demonstrado por factos e documentos, que todos os direitos que resultam da prioridade de descobrimento, prioridade de exploração e prioridade de commercio, pertencem nas terras de Nhassa a Portugal. Do mesmo modo está provado que tem sido Portugal, até hoje, a unica nação européa que, como estado soberano, tem tido territorios e povos debaixo da sua vassallagem e que tem exercido actos de soberania n'essas regiões.

Jayme Batalha Reis.

CONTOS DE HOJE

VI

(AO MEU AMIGO JOAQUIM D'ARAUJO)

Sempre amei as cousas d'Africa.

E d'este amor, como de todos que se elevam até á paixão resultaram destroços que nem a medecina nem a vida que sigo de rigorosa observancia hygienica conseguiram annullar.

Quando fiz parte da expedição technica á nossa provincia de Angola em 1877, já tinha estado por diversas epochas, — 1872, 1874 e 1875 — em Mossamedes, Benguella, Loanda, Ambriz, ilhas de Cabo Verde e S. Thomé.

Durante os trabalhos da expedição a que me refiro percorri o Egito, a Anha, Lobito e quasi todo o concelho do Dombe, esse afamado celleiro de Angola.

Em 1877 frequentavam muito a minha casa de Benguella, Roberto Ivens, Serpa Pinto e Hermenegildo Capello, foi lá que se ultimaram os preparativos para a gloriosa expedição da provincia de Angola, e mesmo a audaciosa travessia de Serpa Pinto.

Era costume nosso, por aquelle tempo, lá em Benguella, irmos com Roberto Ivens, e capitão Soares Coelho fazer um passeio pelos arredores da cidade. Preferiamos quasi sempre a *estrada do Cavaco*. Esta estrada segue no sentido de sul para o norte, atravessando o rio Cavaco até ao Catumbella que hoje passa na elegante ponte *Pinheiro Chagas* recentemente inaugurada.

Seraphim Duarte Soares Coelho, major do exercito de Portugal, era quem dirigia os trabalhos da circumscripção de obras publicas do districto, exercendo eu as funcções de chefe de secção. Vem de molde aqui lembrar que este distincto official a quem o districto, e particularmente S. Philippe de Benguella, deve relevantes serviços, apenas foi justamente recompensado por elles no livro de Capello e Ivens.

Pelo governo, que nos conste, nenhuma portaria se publicou ainda louvando este dignissimo militar.

* * *

A estrada do Cavaco é orlada de paizagem um tanto monotona porque a Oeste fica nos a linha azul sempre inalteravel do Oceano e a leste as eminencias do Calundo e uma grande elevação esfumada no horisonte onde começa o plató que vae para dentro do Bihé.

Esta monotonia animava-se porem com a nota vivissima da *verve* ruidosa de Roberto Ivens.

Este caminho para a Catumbella é tambem um passeio muito hygienico porque bordam a estrada duas alas de eucalyptos fazendo côrte a um sycomoro gigante, muito festejado pelo Ivens. E' por aqui que transitam os carregadores *aviados*, e passageiros de Novo Redondo e Egito.

Logo á entrada ladeam a avenida duas columnas salomonicas pela forma mas que o povo d'ali, desprezando a technologia historica, entendeu appellidar *as calumnias do major Brito*. Effectivamente houve ali, ha mais de quinze annos, um governador com aquelle apellido que mandou levantar aquelles arrojos architectonicos de pedra e cal.

A um kilometro de Benguella, entre a estrada e o espraiado leito do Cavaco, assentava um enorme *basalto*. Ora n'este logar era certo deparar-se-nos um desgraçado, condemnado a vinte annos de degredo por haver estrangulado a mulher com quem vivia... Pormenores não os havia; o processo não fôra muito ruidoso; e o condemnado conservara-se durante dez annos em completo mutismo e quando fallou... tinha endoudecido!

Era uma loucura mansa a do degredado, limitava-se a recitar dois versos de Gomes de Amorim e a suppor-se um general, chefe poderoso de grandes exercitos, que perdera o prestigioso dominio pela traição de uma amante. Terminava sempre todas as suas tiradas por este constante estribilho:

—Hei de contar esta historia, hei de contar... hei de contar...

Estes ares tragicos do doido fizeram com que o alcunhassem *O guerreiro antigo*.

Uma tarde Ivens, Seraphim e eu seguiamos pela estrada do Cavaco em demanda do *terrivel* guerreiro, como dizia Roberto Ivens.

* * *

A tarde amenissima tentava ao passeio. Passado as columnas avistámos logo o *guerreiro* no seu habitual paradouro.

O vulto destacava-se-lhe no fundo azul energico da grandiosa abobada ideal, aos pés estendia-se o Atlantico levemente encrespado em fugitivas palhetas de ouro.

Ao aproximarmo-n'os o homem veio para nós. Parecia não ter mais de cincoenta annos, a tez acobreada, olhar inquieto, mais de selvagem do que de doido, longa barba terrosa... Coberto de farrapos, figura alta; e na cabeça, sempre alçada com altivez, um grande chapeu de plantador, muito esburacado.

—Salve-o Deus... esforçado guerreiro! — gritou-lhe Ivens com o seu conhecido bom humor.

O doido olhou com sobranceria e foi sentar-se na grande pedra. Olhando o largo espaço do Atlantico até á linha do horizonte, movediça, scintillante, onde o sol parecia affogar-se em fogo, murmurou estendendo o braço para o norte onde demorava a patria, o seu estrebilho favorito.:

—Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador

—«Parecem-me homens bons. Vou contar-lhes a historia. Eu sou El-Onam, o guerreiro de Lara, senhor dos campos de Cahide.

—Ouviremos attentos, nobre cavalleiro, a historia dos seus amores, dissemos.

—Ah! sim. Eu conto meus amigos, disse o infeliz n'um tom angustioso.

Depois, repentinamente, ergueu raivoso o punho e entre cascalhadas de riso, irrompeu:

—E dizia *ella* que eu não queria perceber. Então já mordia a mão que se lhe estendera em leal auxilio! E dizia que o seu coração tinha sede de mim, e escreveu! — *Tinha sêde de ti* — Ah! ah! ah! ah! *Amo-te como as justas amam a virtude!* Infame! infame! Ah! ah! ah!... Hei de contar esta historia, um dia, hei de contal-a..

E pouco a pouco foi-se-lhe apagando a dureza da expressão, e como debil sôpro continuava em enlevo:

—Oh! minha dôce *houri*, perola preciosa da joelheria do meu espirito! *apesar de tudo* appareces ainda aos olhos da minha alma como elles sempre te viram! pura, extremosa e intelligentemente grata..

Eram palavras para muitos iddecifraveis; o doido porém sublinhava tão fortemente a phrase que nos surprehendeu como homem que fôra instruido e de sentimento.

Ergueu-se nas pontas dos pés chamando-nos para si, e, no tom segredado que empregou, as suas palavras sybilavam-nos aos ouvidos como silvos de vento em profunda caverna.

—Era tam pequenina e graciosa!... Parece-me vel-a. Um ponco pallida, flexivel e delicada. Encantadora miniatura que teve o arrojo de consubstanciar em si todo o grandioso que sobrepujava a minha incomprehendida alma...

Roberto Ivens e eu estavamos assombrados! O pobre doido continuava como que extasiado em frente de uma visão.

—Nos teus olhos pretos, regulares, francamente abertos ao bem, ha o brilho que illumina o teu sorriso gentil, picando-te no rosto suave estonteadoras covitas!... O teu nome Ailime!... leve e brando é como o contorno macio de teus hombros de *pekiá* que sustentam o pescoço, pedestal elegantissimo da tua cabeça luminosa, atrahente, dominadora...

«Amava-me! oh!... tive provas; tenho a certeza! Poderiam mentir seus labios. Mas não mentiram seus olhos, seus braços, seus joelhos... Tudo isto mentiria tambem? Não, não que a Natureza não mente... Que foi pois o que te obrigou a cuspir no Deus que adoravas! Adoravas sim! porque era alimento da tua vida, causa suprema da tua existencia!

«Perdida, perdida!... ao declarar que já de ha muito tramava a horrorosa ingratidão...

«Estou doido! — dizem — Ah! sim, estou doido por que a matei! El-Onam perdoou sempre tudo, menos a infamia, a traição e a deshonra. E Ailime quiz aviltar-me. Oh! ainda bem que a matei. Ah! eu bem senti a culpa formar-se ao longe como o rugido longinquo que precede o tufão. Bem o previ. Trinta sóes assim se passaram em Cahide, quando ao fim ella me diz, muito aprehensiva:

—«Tenho de sahir d'aqui para Lara, e ali não poderei ver-te... como aqui!...

«E nada querendo ou sabendo explicar, suffocava-se em pranto...

«Depois, já na grande cidade das margens do rio Azul, em Lara, surprehendi-lhe por vezes um premido de labios, como um dique a impedir o jorro caudaloso das lagrimas.

«Que queria dizer? Porque seria? Nunca logrei sabel-o, nunca ella o confessou.

«Começou então o desmoronar, dia a dia, do grandioso edificio do nosso amor.

«D'essa hora em diante procurou na sensualidade ganhar o que perdera no meu espirito. Triste recurso!...

«Lancei-lhe em rosto o seu procedimento de perdida. Não soube deffender-se e iniciou uma serie de insultos obliquos, chovendo sobre mim, *o seu Deus*, perguntas importadas que envolviam humilhantes suspeitas...; e assim me fez nascer nas entranhas o *monstro de olhos verdes* de que soffria o nobre Othello.

«Infame! infame! sê maldita para sempre...

«Era tudo mentira, tudo!... tudo.

«Já lhe ia perdoando, quando Ailime, em plena côrte, na frente de meus pagens, soldados e sultanas, me dirigio publicas zombarias em que eu não quiz acreditar por me parecer impossivel tamanha baixeza n'uma alma que tanto elevei, que eu tanto ennobreci!

«Eu não podia crêr que se abrigasse tam grande infamia em tam delicado peito.

* * *

Calara se o doido...

Repentinamente, como se lhe fuzilasse no cerebro lembrança que o resarcisse de tanta dôr, retoma a palavra em tom incisivo, segredado, como quem revela descoberta de que por muito tempo fôra avaro mas que agora não guarda para se orgulhar de vêr nos outros a admiração que ella causa.

—«Uma noite!... oh! não digam nada. Eu fallo baixinho para não a accordar do somno eterno em que ella dorme, longe de mim e dos meus. Uma noite — quando eu ao despojar-me de todas as galas que tornando-me altivo me faziam temido, ajoelhei aos pés de Ailime a pedir-lhe perdão... do mal que só ella produzira, — diz me a feiticeira de Cahide:

—«Eu nunca te amei, o meu peito elevava-se e batia no teu El-Onam porque tinha sede de ti: tu querias o amor legal, sanccionado pelas leis da religião de tua mãe... eu queria morrer fóra das leis da terra! e tu, El-Onam, que fizeste?... Incendiaste-me o corpo que só poderia apagar-se no teu. Recusaste com razões utopicas depôr a gota de Amor n'este peito sedento de ti... Não! ai! não te quero; nunca te amei! nunca! entendes? Que homem de combate és tu, El-Onam, que recuzas pizar aos pés a memoria de tua mãe, sabendo que Ailime te chamava, que eu anceiava por ti?!... Quando Ailime se offerece o que a recusa deve desapparecer do seu mundo. Abomino-te! Não mais me procures porque não existo para ti. Nunca tive amor por ti... nunca!...»

«Sorri-me amargamente, pois nunca entendi que uma mulher, sem amar, tivesse comigo os desvairados excessos de Ailime, não sendo bayadeira nem hetaira.

«Causou-me dó e pena...

«Foi depois de fallar-me assim que a desgraçada creança, filha da bruxa Ayram, vendeu o meu segredo de guerra á tribu dos Yankas.

«Ora eu, provocado a demonstrar que não mentia affirmando ser amado por Ailime como cumpre á escrava pelo senhor, entreguei á velha Ayram o cinto de aço de sua filha e as anilhas de ouro que usava nas coxas. Assim era de jus nas terras de Lara, quando um guerreiro queria provar que retirava o seu amor a uma *houri* sem a ter offendido em sua honra.

Ayram, a velha bruxa de Lara, depois de examinar todos os ricos despojos que evidenciavam ter ficado pura sua filha, guardou-os soffregamente n'um cofre de ferro que fechou com cuidado...

«Estranhei o silencio da bruxa e receiando alguma traição da mãe de Ailime, perguntei:

—«Mãe Ayram entreguei-te todas as provas do

amor de tua filha, porque Ailime disse não mais existir para mim. Pois se o não dissesse tudo seria entregue só a ella.

—«Não tens mais provas do amor de Ailime? Notei n'esta pergunta da velha certa sequidão que mal compunha o seu receio.

—«Nenhuma, disse lealmente, tudo te está entregue. E... agora, responde-me sem detença: fui leal e honrado?...

—«Retira-te, receberás resposta minha em tua guarida.»

(Continúa.)

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

Acalmada a tempestade, serenados os espiritos a conversação seguiu o seu curso regular, alegremente como convinha a um almoço de dia de annos.

Ao servirem-se as costelletas de carneiro começaram as saudes, os brindes, e depois de brindada a menina Guida, a menina nascida, a festejada, pelo conselheiro Mimoso, o Visconde de Friões n'um impeto de generosidade cavalheiresca e de bom humor, ergueu a sua taça de champagne e disse:

— A' saude do sr. Barradas!

Este brinde causou profunda sensação no auditorio.

O Quim Barradas, o brindado, commovidissimo por esse rasgo do nobre Visconde, rasgo que estava tão longe de esperar, levantou-se para agradecer o brinde e desatou a chorar como uma creança, n'uma grande berreiro, de velha beata a ouvir sermão de lagrimas.

Esse chôro foi communicativo, pegou-se a toda a gente.

A Emilinhas ao ver seu irmão chorar desfez-se tambem em lagrimas; os olhos da viscondessa pareceram-se logo com duas caudalosas cascatas; a Guida e a Lulu contagiadas pela commoção, debulhavam-se tambem em pranto; o visconde mordendo os labios para fugir a enternecimentos não poude ser senhor d'uma lagrima que do canto do olho direito lhe resvalava sobre a face avermelhada, o conselheiro Mimoso quiz tambem chorar porque lhe pareceu mal sendo visita conservar-se impassivel ante aquella tocante e lacrimosa scena de familia, e fazendo beicinho, e vendo que as lagrimas lhe vinham com grande atraso desatou n'uma grande berrata choradinha.

Só quem não chorou foi o padre Bernardino.

Depois de feita a saude, sua reverendissima ao ver que o brinde descambava em scena grande de ternura, debruçou-se para o seu prato e emquanto todos choravam, soluçavam, lacrimijavam e gritavam, avançou arrojado para as costelletas de carneiro e foi rilhando n'ellas como um heroe, perfeitamente impassivel a tudo o que se passava em torno.

O Quim lavado em lagrimas, depois de entre soluços, ter correspondido ao generoso e amavel brinde, foi de taça em punho ao pé do visconde que se erguera para o receber e curvando-se muito, pondo-se quasi de cocoras queria por força abraçar-lhe os joelhos.

O visconde não consentiu e curvou-se tambem para se esquivar áquella homenagem demasiadamente respeitosa.

Mas o Quim insistiu, e então ambos de cocoras deram o abraço da paz, emquanto que a menina Guida, a Lulu e a Emilinhas levantando a toalha, contemplavam entemecidas por debaixo da mesa, aquella commovente scena.

Quando finalmente tudo aquillo terminou e todos voltaram aos seus logares, houve um momento de silencio.

Quem quebrou esse silencio foi o padre Bernardino, exclamando n'um impeto de enthusiasmo.

— Estão magnificas as costelletas!

Olharam todos para o padre, indignados com o egoismo gulutão d'elle perante os sentimentos elevados que ali tinham estado em jogo; mas em respeito á sua qualidade de sacerdote todos se calaram limitando-se a olharem-se com dolorosa estupefacção.

O padre porém continuou muito lepido, muito senhor de si, olhando para um prato de bifes com batatas que um dos creados trazia n'esse momento para a mesa.

— E os bifes tambem tem muito boa cara!

A indignação do visconde não se poude conter mais e estoirou ruidosa.

— Aqui tem o que é a Igreja! Aqui tem porque o papado baquea, porque Pio IX teve ha mezes de fugir vestido de cocheiro, aqui tem porque a impiedade vae abrindo caminho triumphante! disse elle apontando para o padre Bernardino que descarnava a dente o osso da sua terceira costelleta.

— Apoiado! Apoiado! approvaram o conselheiro Mimoso e o Quim Barradas.

O padre olhou muito espantado para o visconde.

Este continuou eloquente e energico, explicando as suas palavras.

— Emquanto deante dos seus olhos se ostenta o espectaculo maravilhoso da misericordia evangelica triumphando da vaidade humana, e do arrependimento que salva redemindo as culpas de leviandades de momento, a Igreja se hade applaudir este espectaculo, a Igreja se hade bater as mãos enthusiasmadas a estes heroes do catholicismo, a egreja roe costelletas de carneiro, a Igreja olha para a cara dos bifes com batatas!

— E' por isso que ha as revoluções! ponderou o conselheiro Mimoso, é por essas e por outras que Luthero se fez scismatico e que a onda do livre pensamento vae lavrando os campos da crença e da fé.

— Eu peço perdão, disse por fim o padre Bernardino, fazendo-se muito vermelho ao comprehender que toda aquella lenga lenga era por causa das suas costelletas, eu peço perdão, sr. visconde de ir comendo as costelletas emquanto os senhores choravam, não foi por menos consideração para com V. Ex.ª nem para com os seus convidados, foi porque as costelletas estavam a arrefecer e os alimentos frios fazem-me mal ao estomago.

—Está perdoado, padre, disse grande e misericordioso como um Deus o Visconde de Friões.

E enchendo de novo a taça de champagne, ergueu a exclamando

—A' saude do Padre Bernardino!

—Que nobre alma! soloçou despejando o copo, o conselheiro Mimoso a quem as lagrimas começavam a chegar.

—Que grande coração! accrescentou o Quim pondo-se em pé e vindo outra vez abraçar o Visconde,

Mas já lá encontrou o padre Bernardino, que o abraçou reconhecido tendo n'uma das mãos a taça de champagne e na outra a costeleta de carneiro.

—Não te chegues, não te chegues, gritou lá do fim da mesa a Emilinhas.

Todos a olharam admirados. Ella explicou então:

—É o Quim, é o meu irmão que se está chegando pela costeletta do sr. padre Bernardino e fica todo cheio de nodoas.

—É verdade, diz vossa excellencia muito bem, exclamou o conselheiro Mimoso, pondo-se em pé e reparando só então que a costelleta do padre estava ha momentos roçando pelo hombro da sua sobrecasaca, já estou todo lambusado.

E muito zangado, o conselheiro molhando o guardanapo no copo d'agua e esfregando as nodoas resmungava;

—Isto agora é moda nova, fazer saudes com custelletas de carneiro.

A scena de agradecimentos e de abraços prolongava-se

—Bom, bom, disse a Guida, a festejada: Ó papá! é melhor acabarmos com as saudes senão ficâmos todo o dia a almoçar e não passeiamos nada, nem fazemos outra coisa.

—Tens razão filha, concordou o visconde, acabaram-se as saudes, mas estas scenas de reconciliação e de amizade fazem bem á alma sobre tudo quando a gente se lembra que ha no mundo tantas inimizades e tantos odios inconceliaveis...

—Fazem bem, fazem, confirmou o conselheiro Mimoso, principalmente depois da scena que nós esta manhã presenciamos quando vinhamos para cá.

—É verdade, nem me falle n'isso que ainda me faz callefrios, disse o Visconde.

—O que foi? O que foi que viram? perguntaram as pequenas cheias de anciedade.

—Esta madrugada quando vinhamos de Lisboa, começou a contar o Visconde, ao passarmos na Porcalhota vimos um duello

—Um duello! exclamaram todos aterrados.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Quem lêr diariamente com attenção, a imprensa politica, e livre de paixões partidarias e facciosismos comesinhos analysar miudamente essa imprensa, chega ás conclusões mais estramboticas sobre esta comedia que se representa no grande palco da politica.

Em cada dia que passa, os jornaes farejam escandalos em todos os actos do governo, mesmo nos mais innocentes e se a opinião publica tomasse a serio esses annunciados escandalos, teria que se dar a tratos do diabo para indagar e saber da sua veracidade.

Mas a opinião publica de ha muito que não se importa saber d'isso, e a politica é só para os politicos, que de resto o deviam ser todos os cidadãos, porque a todos devia interessar a boa administração do Estado.

Como hade, porém o publico avaliar da boa ou má administração do Estado, se a imprensa o desorienta completamente, no meio da intriga politica, em que se debatem os interesses pessoaes de cada grupo politico, em vez dos interesses geraes do paiz.

N'estas circumstancias o publico só protesta, e então com energia, quando lhe entram demasiadamente pela algibeira ou lhe cortam as regalias, de resto deixa correr o marfim e assiste indifferente ao troanesco espectaculo que a politica exhibe diariamente, descompondo-se os politicos reciprocamente com gaudio do publico, que gasta os seus dez reis para saborear essas descomposturas, em letra redonda.

A furia é tanta que não se contentam com os adjectivos menos limpos ou mal sonoros das irritações de occasião, e vão vasculhar na imprensa de meio seculo as descomposturas postumas, que jazem no pó dos archivos, para as reeditarem de novo, em guisa de preciosidades archeologicas de museu de regateirices, com justo receio que a historia lhes não belisque, por medo de se sujar.

Com isto só se evidencia uma coisa e é que a descompostura politica vem de longe como de longe vem esta podridão que nos consome.

A theoria de corromper para governar não é d'hoje, principiou a adoptar-se ha trinta e oito annos com a tolerancia politica, e se essa tolerancia tem produsido trinta e oito annos de paz e de progressos, tambem tem produsido a desmoralisação politica de que todos nos queixamos, mas de que ninguem quer ser o Christo redemptor de esta Israel devassa.

Não seremos nós que vamos verter a nossa lagrima puritana sobre a patria, porque temos receio que nos assobiem, e se esta revista descamba em considerações amargas é porque com fel nunca se prepararam acepipes golosos, e o assumpto que a politica nos fornece é extremamente belioso.

Labarraque é o melhor desopilante no caso sujeito, mas o que seria difficil era fabricar a quantidade precisa d'aquelle laxativo para produzir effeito.

E' muito mais facil fabricar deputados e para isso já se vasculha a urna, e pinta-se com cores attrahentes, de alegrar o olho, prateando-se e dourando-se de modo que será muito mais bonita vista por fóra que por dentro, muito especialmente depois de estar cheia de votos.

Não se sabe ainda ao certo o dia das eleições, dizendo-se que não se realisarão antes de dezembro; entanto os partidos aprestam as suas armas para a lucta, fazendo reuniões para sondarem as massas e verem como melhor hão-de *estender a massa.*

De resto as eleições serão como todas as que temos visto. Solicitados os eleitores, empurrados, obrigados de todas as fórmas possiveis, menos livre e expontaneamente, como quem tem a consciencia do que vae fazer.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA.

VIAGEM DE S. A. O PRINCIPE D. CARLOS.—Partiu para Paris no *Sud-Express* do dia 19 do mez findo Sua Alteza o Principe D. Carlos acompanhado dos srs. condes de Seisal e de S. Mamede. A' *gare* de S.ta Apolonia foram despedir-se de Sua Alteza, o sr. Infante D. Affonso, presidente do concelho

sr. José Luciano de Castro, ministro da fazenda sr. Barros Gomes, ministro da marinha sr. Ressano Garcia, Mr. Billot, ministro da França, camaristas do Paço, altos funccionarios, etc.

Sua Alteza visitará incognito a exposição de Paris, seguindo depois para Italia, onde vae assistir ao baptisado do filho dos duques de Aosta, em Turim, o qual se deve realisar brevemente. Depois volta por Paris, onde visitará outra vez a exposição, regressando ao reino antes do dia 28 de setembro, dia do seu anniversario natalicio e de sua esposa a princeza Amelia.

Sua Alteza visitou a exposição portugueza, no dia 23, sendo recebido no pavilhão de Portugal pelo sr. Pery presidente da secção agricola, Marianno de Carvalho, Corvo, Bordallo, etc.

Acompanhavam o principe o sr. conde de Seisal, seu ajudante de campo, sr. conde de S. Mamede secretario, sr. conde de Valbom ministro portuguez em Paris e varios membros da legação portugueza. Depois de revistar todo a exposição retirou-se muito satisfeito com a impressão agradavel que lhe fez a boa disposição e gosto com que se acham expostos os productos, onde sobresaem os vinhos e azeites portuguezes e a vistosa loiça das Caldas, artisticamente disposta.

No dia seguinte o duque de Bragança almoçou em Chantilly com o duque de Aumale, e no dia 25 com o duque de Chartres, no palacio de Saint Fermin.

Sua Alteza recebeu os comprimentos da colonia portugueza no dia 26.

Mr. Carnot, que não está em Paris, mandou comprimentar o principe logo que soube da sua chegada. Mr. Tirard, presidente do conselho de ministros visitou Sua Alteza no hotel Bristol, onde se acha hospedado.

O duque de Bragança tem feito repetidas visitas á exposição e esteve na secção portugueza do palacio das industrias.

No dia 28 subiu á torre Eiffel acompanhado pelo seu sequito e os srs. conde de Valbon, e de Azevedo, Eça de Queiroz, Carlos Valbom e Mr. Berger que aguardava á entrada da exposição a chegada de Sua Alteza.

Subiram todos até á ultima plataforma da torre, e no gabinete de Mr. Eiffel estava preparada uma refeição para offerecer ao principe.

Na descida Sua Alteza deteve-se na segunda plataforma, onde estão os *ateliers do Figaro*, fazendo-se n'essa occasião uma tiragem de um numero especial do Figaro offerecido ao principe D. Carlos.

Sua Alteza almoçou depois na primeira plataforma da torre, visitando em seguida a exposição de pintura franceza

Canhoneira «Diu»—Foi lançada do Arsenal de Marinha ás aguas do Tejo no dia 27 do mez que acabou a nova canhoneira *Diu*, que ali foi principiada a fazer a 6 de junho de 1887.

A ceremonia realisou-se no meio de um concurso extraordinario de expectadores que aplaudiram enthusiasmados, quando o navio cahiu na agua pelas duas horas e meia da tarde.

Assistiu a este acto o sr. Infante D. Affonso, ministro da marinha, sr. Ressano Garcia, vice-almirante sr. Andrade Pinto, contra-almirante sr. Caetano de Albuquerque, sr. Visconde de Paço d'Arcos, superintendente do Arsenal, officiaes d'armada e uma força de marinheiros.

A canhoneira *Diu* foi construida sob a direcção do sr. conde de Linhares; tem 43^m de comprimento 8,^{m}40 de bocca e 5,^{m}60 de pontal, deslocando 640 toneladas. É construida de carvalho e teca e os vaus d'aço.

A machina deve ser da força de 700 cavallos, calculando-se que o navio deitará 12 milhas por hora.

A artilharia será de Krupp e constará de um rodisio e duas peças d'amurada. A sua lotação é para 108 praças.

É do feitio de couraçado e construida com a maior perfeição.

Agradecemos o convite que nos dirigiu o sr. visconde de Paço d'Arcos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Rudimentos de Physica Experimental *em harmonia com os programmas de ensino de instrucção primaria complementar*, por João Clemente de Carvalho Saavedra, professor official de ensino complementar. Empreza Litteraria e Typographica, editora, Porto, 1889. 1 vol. de 308 pag. e 1 de erratas in-8.º, illustrado com figuras demonstrativas. Este livro especialmente destinado á instrucção primaria complementar, é elaborado sob um plano extremamente accessivel aos jovens estudantes, facilitando tanto quanto possivel o estudo elementar da physica, pela exposição clara e simples e demonstrações praticas de facil execução pela simplicidade dos apparelhos empregados, o que até aqui difficultava o estudo da physica, porque os apparelhos exigidos para as demonstrações eram, na sua maioria, caros e difficeis de obter. Esta vantagem só por si recommenda o systema do sr. Saavedra, o qual declara no prologo do seu livro, que segue o processo de ensino vulgarisado em França por Réné Leblanc e outros.

Seguindo este systema de ensino, é facil e economico para qualquer escola organisar o seu gabinete de phisica, e poder-se assim cumprir o programma das escolas primarias complementares, que desde 1885 incluio o estudo elementar das sciencias physico-naturaes, n'estas escolas.

LEIRIA — O EXTINCTO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO, ACTUAL QUARTEL DE CAÇADORES N.º 6

(Desenho do natural por J. R. Christino)

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES

25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43